



Blog.com: pontos de convergência comunitária em uma ferramenta individualizada¹

Diogo Silva Miranda de MIRANDA²
Maria Ataíde MALCHER³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

No princípio, os *weblogs*, ou simplesmente *blogs*, foram criados apenas como um diário virtual, a voz isolada do internauta. Contudo, no decorrer do crescimento, com a transformação e a popularização da *web*, eles foram se moldando de acordo com a utilização empregada por cada usuário, formatando-se de maneiras muito semelhantes entre eles, apesar das particularidades de cada diário. Este estudo aborda o desenvolvimento dessa ferramenta, as possibilidades e as novas formas de se fazer comunicação que se constituíram através dos *blogs*, uma mídia a princípio individual e que se configurou como forma concreta de comunicação comunitária ao propiciar a transmissão de mensagens entre diferentes agentes do processo comunicativo.

PALAVRAS CHAVE: *blogs*; internet; mídia individual; interatividade; sociedade.

INTRODUÇÃO

Desde o princípio da Modernidade, as relações interpessoais entre os cidadãos presenciaram a chegada de novas tecnologias de comunicação e uma reviravolta no funcionamento da sociedade (LÉVY, 1999). Assim, aconteceu com a imprensa, com as ondas de rádio, as imagens da TV e o imediatismo da internet. No entanto, é preciso compreender que aspectos sociais e culturais acompanharam essas revoluções e foram esses aspectos que permitiram, a partir de sua significação, o sucesso das tecnologias.

Este artigo é um recorte de um estudo maior, realizado em um Trabalho de Conclusão de Curso, e que aborda a consolidação e a popularização da ferramenta *blog* e as construções comunitárias permitidas pela técnica que acontecem em tempo real e que dão à *web* uma importante característica: uma força de colaboração entre os seus usuários – assim como tantas outras ferramentas da internet. As novas utilizações dos “diários virtuais” ou a apropriação da construção desse espaço são alvos desse trabalho, uma vez que seus conteúdos são construídos em parceria entre os internautas.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação recém-formado do Curso de Jornalismo da UFPA. E-mail: diogo.sm2@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo da UFPA. ataide@ufpa.br



SOCIEDADE E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Para perceber a importância das ferramentas comunicativas atuais é necessário notar que toda a construção da sociedade moderna está relacionada com a performance e desenvolvimento de suas técnicas de comunicação. Nesse sentido, é imprescindível perceber que a evolução de uma sociedade se dá pelo progresso dos aparelhos tecnológicos associados às transformações nos anseios da comunidade em questão. É importante destacar que não se quer menosprezar o valor desses aspectos, um frente ao outro, muito pelo contrário, é preciso compreender que um desenvolvimento não existe sem o outro e que é através da correlação entre eles que ambos podem acontecer.

...uma mudança cultural não é obtida em função de critérios de eficiência, (...) mas somente através de uma mudança interna na concepção do uso da tecnologia e do mundo no qual os usuários a operam. Esta mudança não é promovida somente pela tecnologia, mas sim pelas relações sociais e econômicas dentro do ambiente organizacional e dos valores da sociedade, de forma mais geral (SABBATINI, 2006. p. 226).

Desde o século XV, momento compreendido como início da transformação da sociedade, as ferramentas midiáticas já existiam. As populações já se valiam dos recursos da escrita, da pintura, da escultura para comunicar mensagens e permitir troca simbólica entre seus participantes. Contudo, foi o desejo de renovação do modo de vida, associado a essas ferramentas, que ressignificou seu uso e proporcionou a transformação da estrutura social. O quadro em que a Europa se encontrava nesse período – guerras, fome, doenças etc. – propiciou o desejo de mudança que culminou no projeto de modernidade proposto pelos iluministas.

O ideal do Iluminismo concebia a liberdade do homem em todas as formas. Rouanet (1993) explica essa liberdade como uma busca por uma “universalidade” para os cidadãos, sua igualdade de direitos e deveres para com o bem comunitário. Outra característica da busca é o trato desses cidadãos como “indivíduos únicos”, sujeitos ímpares, concretos, possuidores de especificações próprias e agentes transformadores da sociedade. Assim, a procura pela liberdade culminaria em outro pilar iluminista, a “emancipação” de toda a sociedade, uma renovação cultural, um desenvolvimento nos campos do pensamento político e econômico aos quais todo indivíduo estaria ligado.

Para propagação de tais mudanças, seria necessário que esse fosse um desejo compartilhado pela maioria. Dessa forma, os aparelhos comunicativos passaram a ter sua própria essência simbólica alterada em prol do crescimento de uma indústria da nova



técnica. O desenvolvimento dos meios de comunicação foi alimentado pelo desejo de renovação das estruturas sociais.

Mesmo assim, o projeto iluminista se apresentou falho. As novas ferramentas e a possibilidade da propagação para maiores públicos em menor quantidade de tempo se apresentaram, permitindo atribuição de valores a elas, como o econômico, e, por conseguinte, capazes de serem controladas. Dos panfletos e jornais da prensa, passando pelo advento do rádio à popularização da televisão, todos apresentaram a possibilidade de controle e manipulação das informações por parte de grupos que detinham o controle dessas indústrias. Outro item contribuinte foi o fato das ferramentas midiáticas transmitirem informações – troca simbólica – sempre partindo num sentido de via única, transformando o “receptor” em um ser “passivo” (THOMPSON, 1998), incapaz de dialogar a com o “emissor” para a construção efetiva da mensagem.

As “novas tecnologias” acabaram por não atender, na realidade, o desejo de mudança e acabaram por subverter o processo de transformação social a que tinham sido imbuídas. E, no lugar de auxiliar as mudanças sociais, elas passaram a andar na contramão do desenvolvimento social (THOMPSON, 2008). O resultado foi a passagem de uma sociedade agrícola, do modo de produção servil do feudalismo, para uma de estrutura econômica associada ao desenvolvimento industrial e urbano, presente tanto no quase extinto socialismo quanto nessa nova fase do capitalismo, com um Estado afastado do comprometimento com a melhoria social e realizando manutenções para uma economia mundial.

O importante é destacar que a nova sociedade acabou por se caracterizar pela tecnologia da comunicação que impulsiona o seu crescimento. Essa tecnologia seria o único agente motivador do desenvolvimento social a impulsionar o caminhar da humanidade, na qual a única maneira do indivíduo ter acesso à participação comunitária é através da posse/uso das ferramentas midiáticas, como exemplifica Squirra (2006, p. 216): “[...] um jovem estaria recebendo o dobro de ofertas em aparelhos tecnológicos que seus pais, quando estes eram jovens”. Ou seja, a tecnologia impulsiona a sociedade a uma busca frenética pelos aparelhos que garantam a participação social.

Contudo, Wolton (2003) afirma existir um erro em se referir à “massa” como sendo homogênea e apta apenas a absorver qualquer conteúdo. Pelo contrário, os cidadãos – ainda que mantenham essa busca pelas novas formas de se estar conectado aos meios de participação social – são dotados de capital cultural e simbólico e estão sempre a decodificar o material transmitido.



O público é dotado de inteligência crítica e, mesmo concedendo um sucesso imenso a televisão, ele sabe guardar distância. Assistir não significa forçosamente aderir ao que se vê. Lê-se um jornal, ouve-se o rádio, assiste-se à televisão, mas não se pensa menos (WOLTON, 2003, p. 62).

E, DEPOIS, A INTERNET

Como resposta a esse cenário montado pelas mídias de “massa”, temos um espaço aberto para a proliferação de novos ideais de mudança social que coincidem com o desenvolvimento da internet em meados dos anos 1980. Nesse período, a rede sai do domínio militar para a pesquisa acadêmica das universidades norte-americanas, onde entra em contato com a contracultura hegemônica e a sua construção passa a ser descentralizada, alcançando o ideal de solidariedade definido por Wolton (2003) e levantado pelos iluministas.

É essa construção da ferramenta, de forma livre da visão que classifica o público como uma “massa” homogênea e sem capacidade própria para fazer suas escolhas, que contribuiu para o crescimento da internet. É através da sua possibilidade de intervenção e disponibilidade a todos, na fraca presença de barreiras sociais e culturais e, por fim, na forma de igualar o nível de competição entre grandes conglomerados e pequenas associações, que permite resgatar o ideal iluminista de emancipação do homem por si mesmo, estabelecendo mudança na cultura vigente. A internet nutre a existência do desejo de resposta e de solidariedade universais, acessíveis por uma abertura maior de ação dos seus usuários e integrantes sobre a sociedade, diferentemente do que acontece através da mídia hegemônica.

Sua popularização talvez tenha sido permitida pela superação da interatividade incompleta existente na mídia hegemônica (LÉVY, 1999), através da liberdade fornecida pelo constante contato entre seus usuários.

Não é somente a abundância, a liberdade e a ausência de controle que seduzem, como essa idéia de uma autopromoção possível, de uma escola sem mestre, nem controle. (...) A Web torna-se uma figura utópica de uma sociedade onde os homens são livres, capazes de se emancipar por eles mesmos (WOLTON, 2003, p. 86).

A internet em menos de meio século de existência acaba por se consagrar como possuidora de muitas fontes e muitas vozes dentro de um mesmo *locus*, trazendo à tona o ideal da comunicação: um constante diálogo entre emissor e receptor a ponto de não



se perceber o limiar entre um e outro, ou seja, pode-se conceber o indivíduo como real interlocutor dentro de uma sociedade mediada.

Entretanto, é exatamente essa forma de utilização da ferramenta – a qual permite que todos possam colaborar para a construção da informação e para o aperfeiçoamento do campo virtual, e que proporciona olhares diferenciados e uma apropriação particular de cada usuário sobre a técnica – que possibilita a consolidação da *web*.

Segundo Wolton (2003, p. 124): “Existem certamente regras comuns a cada tecnologia de comunicação, mas o mais importante é a maneira com que cada cultura se apropria da técnica em relação ao seu universo social, mental e cultural...”. Em resumo, toda ferramenta comunicativa só consegue se estabelecer quando a população toma posse de seu funcionamento e a põe em prática, utilizando-a da forma como foi concebida, ou não.

A internet, seguindo o modelo como fora concebida, de construção participativa e solidária entre seus usuários, acabou por obedecer uma lógica diferente da mídia hegemônica. Ela se consolidou pela propagação dos muitos discursos. Então, a *net* acaba por obedecer ao mesmo conceito de muitas vozes e a funcionar pela lógica da demanda de informações, com seus usuários fornecendo conteúdo para todos os públicos.

Assim, podem-se destacar as diferentes formas com que os usuários têm se valido dos inúmeros recursos que a *web* dispõe para a construção do diálogo e a propagação dos discursos, principalmente os movimentos sociais.

Moraes (2001) destaca que os movimentos sociais, instituições e outras organizações – principalmente em países em desenvolvimento – se utilizam desses meios de comunicação que a *net* dispõe para propagar suas lutas e alcançar maiores horizontes, potencializando parcerias com outros movimentos antes isolados. A virtualidade da internet facilita essa legitimação de seus discursos, uma vez que eles não possuem formas de usufruir os recursos técnicos e econômicos para manutenção dessa forma de serviços nos meios “tradicionais” de comunicação e nem dispõem de espaço aberto para seus discursos livres nas mídias hegemônicas. É o que se define como “cibermilitância” (MORAES, 2001).

A fragmentação do público a partir das “novas” tecnologias dá vazão ao resgate do ideal de democracia, permitindo que indivíduos isolados ou segmentos específicos de uma sociedade participem como interlocutores em escala igual no processo de construção da comunidade.



BLOGS: AS POSSIBILIDADES QUE SURGIRAM

Entre as ferramentas que permitiram esse diálogo em pé de igualdade entre os interlocutores, os *blogs* têm chamado bastante atenção como ferramenta de uso da individualidade validada dentro do ciberespaço. Uma vez percebido esse poder de discurso, conglomerados e empresas se valem dos mesmos recursos tecnológicos para disseminarem sua legitimação dentro da virtualidade da internet. Palácios (2006) demonstra que este fenômeno está se tornando um padrão na esfera mundial ao apresentar os dados de que 86% dos 100 maiores jornais dos EUA utilizam a ferramenta *blog* e cita a CNN (a CNN – *Cable News Network* – rede de televisão norte-americana) como exemplo de corporação a legitimar a importância dos diários virtuais.

Tudo isso se deve ao fato da construção solidária, coletiva e participativa desse conteúdo transparecer maior veracidade pela ausência do controle individual ou jogos de interesses de quem rege os meios de informação “tradicionais” (WOLTON, 2006). Em outras palavras, os recursos que se apresentam à disposição dos *blogs* respondem exatamente aos princípios de interatividade, de disposição de conteúdo de forma igual e de possibilidade de recombinação, mutabilidade e visibilidade da informação, que proporciona à comunicação a veracidade que precisa para sua validação.

São essas características que a “cibermilitância” (MORAES, 2001) utiliza para usufruir o direito à cidadania. Na *web*, e em especial dentro da *blogosfera*, toda informação se apresenta de maneira semelhante, isto é, disponível a todos de forma igual e democrática, disposta por indivíduos ou pequenos grupos ou por grandes conglomerados. Os instrumentos técnicos que auxiliam essa forma de comunicação – *podcasts*, vídeos, fóruns de discussões, sessões de fotos, etc. – estão ao alcance de todo tipo de público, sem distinções sociais, econômicas ou culturais.

Além disso, a *blogosfera* acentua principalmente mutabilidade a recombinação das informações o que culmina na criação do hipertexto.

Os Blogs, de uma maneira geral, têm como elemento constitutivo fundamentalmente a criação de links com seus congêneres, um movimento de construção de comunidades de informação, que se retro-alimentam, checam e comparam dados e interpretações, produzindo a multivocalidade que caracteriza a Blogosfera (PALÁCIOS, 2006, s/n).



Os discursos dentro desta rede, que existe inserida na internet, são uma constante autoreferenciação e que fortalecem o sentido de construção da informação de forma coletiva, mútua e solidária, preservando-a livre.

E, ainda, diante desse alto nível de interatividade, a ferramenta *blog* tem ganhado outras atribuições dentro do diálogo com o cenário midiático de massa. Ela resgata o caráter de agente vigilante investigativo da década de 1960. O *blogueiro* ainda busca, da mesma forma que todo cidadão de todas as épocas, informações concretas para satisfazer seus interesses pessoais. É então que a nova mídia passa a dialogar com a grande mídia e a pautar jornais impressos e noticiários de rádio e TV.

Dada a consolidação da ferramenta e ao constante diálogo entre as mídias, os *blogs* passam a interagir com outros aparelhos comunicativos funcionando como “pré-pauta”, sugerindo temas e abordando previamente assuntos, reunindo informações dispersas ao longo da rede e se tornando uma fonte bastante relevante.

UMA OUTRA CLASSIFICAÇÃO É POSSÍVEL?

Dessa forma, se observa que os *blogs* estão inseridos em um espectro digital fortemente múltiplo que representa o fluxo de informações que passam por eles em todos os sentidos e ordens. Os diários online mantiveram suas marcas e formas, mas sua funcionalidade tem se alterado no decorrer do tempo, orientada pelas transformações que a apropriação da sociedade lhe imbuí, dado o aumento e a aceleração dos constantes diálogos entre os interlocutores e as solidariedades diferenciadas.

É assim que, obedecendo ao enunciado de Wolton (2006), no que concerne à busca pela funcionalidade da maioria – busca individual pela colaboração direta na alteração da realidade e construção de novas tendências culturais –, se tenta enxergar uma nova classificação dos “gêneros” dos *weblogs*, diferente da tradicional e que tenta a máxima de agregar os segmentos e não difundir o separatismo dentro do ciberespaço.

Apesar da proposta de uma classificação parecer limitar a forma de atuação e liberdade desses aparatos, deve-se deixar claro que o limiar entre um gênero e outro não é rígido, muito pelo contrário, é flexível o suficiente para que as informações possam migrar livremente entre uma esfera e outra de sentido (MAFESSOLI, 2000).

Nesse sentido, essa proposta apresenta três esferas de abrangência dos *blogs*: os de “Notícia”, os “Autorais” e os de “Ensaio”.

Os “*blogs* de notícia” se apresentam como ferramentas “alternativas” ou não oficiais para informações. Eles demonstram o argumento da visibilidade mediada



(THOMPSON, 2008) que cede poder à sociedade para investigar a verdade e zelar pelos princípios morais que a regem. É o que o teórico destaca na mídia generalista dos anos 1960, sua atribuição de vigia dos valores sociais e que volta a recair sobre esses diários, com o diferencial de que desta vez o controle perpassa pelas mãos do cidadão.

Outro formato que se constrói é o dos “*blogs* autorais” que se formam a partir da necessidade de voz ativa do interlocutor, o qual se utiliza das funções do sistema para criar uma maneira “ilícita” para legitimação de suas identidades culturais dentro da sociedade e dentro dos fluxos contínuos de informação (GARCÍA-CANCLINI, 2008).

Comumente, eles trazem à tona maneiras alternativas de publicações e divulgações artísticas em geral, uma vez que, normalmente, o espaço de venda e publicação de livros, revistas, vídeos, músicas, exposições, etc., exigem dispêndio de tempo e recursos financeiros e, muitas vezes, construindo barreiras excludentes para formas artísticas minoritárias e populares. É comum encontrar pela *blogosfera* “diários pessoais” de poesias, charges, pinturas, músicas, vídeos e, até mesmo, a disponibilização do material do artista para download e armazenamento.

Por fim, existem ainda “*blogs* de ensaio” que propõem discussões diretas sobre determinados assuntos. Sua validação ganha forma na teoria de Lévy (1999), quando é proposta a construção participativa de um conhecimento universal ou da criação coletiva a partir dos leitores individuais, mas para um bem comum à sociedade que cerca o virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pôde perceber, ao final do estudo, é que os *blogs* não vieram para substituir as mídias hegemônicas. Ao invés disso, elas são tecnologias complementares (WOLTON, 2003), tornando ambas úteis ao interlocutor, mas de naturezas opostas: uma pela lógica da oferta de informações (mídia hegemônica) e a outra pela lógica da demanda (contra-hegemônica).

Assim, o desenvolvimento da *blogosfera* tem gerado pequenas mudanças no seio cultural a ponto destas adquirirem validação perante as mídias tradicionais por suas funcionalidades. A suposição inicial da firmação do *blog* (ou mídia individual) como ferramenta jornalística, de mesmo porte das mídias tradicionais e com intuito investigativo denunciativo do período do pós-Guerra, confirma em parte sua veracidade.

Apesar de muitos jornalistas e indivíduos da sociedade se utilizarem dessa forma de comunicação, a funcionalidade da rede não se fechou a esse único intuito. São



inúmeros tipos de publicação, de gêneros, de direcionamentos, argumentos, posicionamentos e serviços que a *blogosfera* acolhe.

Contudo, a internet ainda obedece, em parte, a lógica do capital: se fabricam novas tecnologias para quem possa comprá-las. E não pode existir mudança nos eixos sociais se parte da população é excluída do processo. Resumindo, esse avanço tecnológico não representa mudança social por manter-se afastado do desenvolvimento cultural, ele representa apenas um progresso técnico. A cultura se faz importante para a significação das ferramentas, não apenas da internet, mas de toda construção midiática.

Mesmo assim, diante de um cenário excludente economicamente – onde nem todos têm acesso à internet – a *web* se apresenta como um ambiente onde todos os que dela participam podem interagir de forma igual e equilibrada. Mesmo em países em desenvolvimento, onde é mais lógico parte da população não ter acesso/posse ao bem material (microcomputador e acesso a internet) pela ausência de poder aquisitivo, isso não impede sua participação (GARCÍA-CANCLINI, 2008). Pesquisas revelam que são exatamente esses países que possuem maiores índices de crescimento em relação a usuários da *World Wide Web*. O que se tem encontrado cada vez mais são movimentos bem organizados da sociedade civil em prol das diferenciações e segmentações dentro da esfera global, com indivíduos participando de qualquer lugar do mundo, em constantes combates por melhores condições de vida, igualdade de direitos, liberdade de expressão dentre muitos outros anseios.

Apesar de se qualificar como uma ferramenta individual, o *blog* tem proporcionado aglutinações sociais à regalia das fragmentações sociais geradas pelo grau de autoconhecimento e de particularidades individuais entre os sujeitos. Em outras palavras, a opinião pública – no que concerne à liberdade de expressão individual –, apesar de muito diversificada, tem demonstrado uma migração para a formação de sociedade mais solidária a partir dessa ferramenta.

Assim, a dificuldade a ser enfrentada pelas “novas” tecnologias – a internet e seus *blogs* – ainda está muito mais em alcançar um patamar de maioria democrática (WOLTON, 2003), pela participação de todos – necessário para pensar a coletividade – do que no simples desenvolvimento tecnológico do meio, que isolado do viés social apenas representa um aperfeiçoamento da técnica.

Talvez a busca pela participação das minorias e pela necessidade de validar uma sociedade verdadeiramente democrática tenha ocasionado isso, representando esse caráter normativo que é necessário à *web*. Ao que parece, a força motriz para a



consolidação da *net* é a procura pela inclusão digital, podendo gerar uma inclusão social e o exercício da cidadania dado a potencialidade do reconhecimento do indivíduo dentro do ciberespaço, uma vez que quanto mais diversificada for essa área, mais ela será interativa pela necessidade de comunicar pontos tão divergentes.

Por isso, faz-se necessário a existência da busca por políticas públicas para fomentar recursos para população e para orientar a ferramenta quanto à preservação da integridade do indivíduo (WOLTON, 2003; SABBATINI, 2006). Da mesma forma que é necessário fomentar estudos e pesquisas, pois as renovações nas teorias de comunicação, principalmente sobre a internet – dada sua alta velocidade de mutabilidade e interação –, se faz mais do que necessária para a construção efetiva do saber e orientação da sociedade quanto apreensão real e total da utilização dos meios tecnológicos de comunicação e informação.

REFERÊNCIAS

BALDAZANA, Renata F.; ABREU, Nelsio Rodrigues de. **Interação mútua e web 2.0:** grupos focais on-line como ferramenta potencializadora da construção participativa em ambientes virtuais de aprendizagem. Trabalho apresentado ao NP Tecnologias da Informação e da Comunicação, do VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2008.

BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. Mídia Digital. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (Org.). **Mídia cidadã, utopia brasileira.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 139-153.

BARKER, Ernest; CLARK, George; VAUCHER, Paul. **História da civilização européia.** v. 1. Lisboa: Organizações Crisális L.DA, 1956.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil:** do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Engenharias: Ciências de Engenharia e Sistemas de computação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital.** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Comunicação).

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. A cultura política: entre o mediático e o digital. **MATRIZES.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Ano 1, n. 2, jan.-jun. 2008. São Paulo: ECA/USP: 2008. p. 55-71.

GILDER, George F. **A vida após a televisão:** vencendo na revolução digital. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann (Org.). **O mal estar no pós-modernismo:** teorias e práticas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. p. 25-44.



LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MANSUR, Alexandre. **Entrevista 5 Perguntas**: blog do Planeta, concedida ao site Trama Universitário. Disponível em:
http://tramauniversitario.uol.com.br/noticias/noticias_detalhe.jsp?id=13465, fevereiro, 2007.

MORAES, Dênis de. **O concreto e o virtual: mídia cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PALACIOS, Marcos. Blogosfera e jornalismo on-line no Brasil ou porque Noblat, Josias e cia. não fazem blogs. **Lupa**. Revista-Laboratório do Curso de Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, n. 1, ago. 2006. Salvador: Facom/UFBA. s/n.

PISANI, Francis. **A nova onda dos blogs**. Artigo publicado no Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2003-08,a720>, agosto, 2003.

RIBEIRO, Alex. **O caso Escola Base: os abusos da imprensa**. São Paulo: Ática, 1995.

ROUANET, Sérgio Paulo. Iluminismo e contra-iluminismos (sobre a modernidade e o seu projeto inacabado). **Textos de cultura e comunicação**. Revista do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, n. 29 (jul. 1993). Salvador: Facom/UFBA. p. 5-23.

SABBATINI, Marcelo. Do receptor passivo ao emissor ativo. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (Org.). **Mídia cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 221-228.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SQUIRRA, S. Mídia digital. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (Org.). **Mídia cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 215-219.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **MATRIZES**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, ano 1, n. 2, jan-jun. 2008. São Paulo: ECA/USP: 2008. p. 15-38.

VIZER, Eduardo Andrés. Miatização e (trans)subjetividade na cultura tecnológica. A dupla face da sociedade midiaticizada. In FAUSTO NETO, Antônio... [et al] (Org.). **Midiatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 31-50. (Coleção Comunicação).

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.